

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS
Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – 8ª Edição
Trabalho de Conclusão de Curso

*Primeiras Estórias: a Neologia Roseana e os Processos de Formação de Palavras*¹

Evelyn Amado Fernandes²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo elencar e analisar as formações neológicas presentes em dois contos do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa. Para isso, foram estudados os conceitos de neologia e dos principais processos de formação de palavras. A ideia é de que o conhecimento dos processos de formação de palavras aliado ao estudo dos neologismos roseanos contribuam para uma interpretação mais rica da obra desse grande escritor.

Palavras-chave: Neologismo. Processos de formação de palavras. Guimarães Rosa.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa*, a palavra **neologismo** significa “o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não” (cf. HOUAISS). Esse processo se dá devido à necessidade de o falante designar novos objetos ou novos conceitos.

Ele surge pela eterna e crescente necessidade da língua de cada vez mais se reinventar. Com o tempo, e devido ao uso contínuo pelos falantes, algumas dessas palavras são adicionadas ao dicionário e passam a fazer parte do léxico da língua. De acordo com Alves (2007), os neologismos podem ser classificados em três tipos: fonológico, sintático e semântico. Alves nos ensina que, na neologia fonológica ou

1 Trabalho apresentado como conclusão do curso de especialização em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa sob orientação da professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu.

2 Licenciada em Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, mestre em Letras pelo Centro Universitário Ritter dos Reis e pós-graduanda em Gramática e Ensino de Língua Portuguesa.

lexical, o processo de criação se dá sem base em palavra já existente; na sintática, a criação é realizada com elementos já presentes na língua; e na semântica, através de processos estilísticos (metáfora, metonímia...), significados diferentes podem ser atribuídos às palavras dando origem a novos itens lexicais.

Este trabalho pretende estudar os neologismos encontrados em dois contos do escritor João Guimarães Rosa, já que o autor parece se valer de um conhecimento exímio de regras de formação de palavras de nossa língua.

Guimarães Rosa cria novas palavras em praticamente todas as classes de palavras que formam o inventário aberto do léxico da língua portuguesa, ou seja, verbos, substantivos, adjetivos e advérbios de modo (principalmente os terminados em *-mente*, já que derivam de adjetivos). Nosso objetivo aqui é verificar quais são os processos de formação de palavras empregados por Guimarães Rosa e como essas formações neológicas podem auxiliar o leitor na interpretação de alguns textos do autor.

Como dito, no presente trabalho serão analisados os processos de formação de palavras que dão origem aos neologismos de dois contos do escritor brasileiro, presentes em seu livro *Primeiras estórias*. Os contos a serem analisados na perspectiva aqui exposta são: *A menina de lá* e *Famigerado*. A escolha desses textos se deu em função do significativo número de neologismos presentes em cada um deles. Para a análise, primeiramente serão elencados os neologismos colhidos dos contos supracitados e, logo após, serão identificados os processos de formação lexical e, também, discutir-se-á sobre a contribuição desses neologismos para a interpretação dos textos como um todo.

Feitas essas considerações iniciais, cumpre destacar que o trabalho está dividido em quatro partes: na primeira, será descrito o referencial teórico; na segunda, a seleção do *corpus* e a organização dos dados; na terceira, a análise e comparação dos dados. Por fim, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para a compreensão das obras de Guimarães Rosa, é preciso, antes de mais nada, o conhecimento dos inúmeros chistes³, dos arcaísmos⁴ e da intensa criação de palavras novas na língua – os neologismos. É justamente esse último item que chamou a nossa atenção: quais mecanismos foram utilizados pelo escritor para a formação desse vocabulário criativo e inovador que ele utiliza em sua obra. Para isso, pesquisamos na literatura especializada textos que tratassem tanto a respeito dos processos de formação de palavras quanto do fenômeno da neologia.

A pesquisa propriamente dita teve início com a leitura de *Formação de palavras em português*, de Valter Kehdi. Nesse estudo, o autor direciona sua análise para a temática dos dois principais processos de formação de palavras: a derivação e a composição. São analisados os diferentes tipos de derivação – prefixal (*in/feliz*), sufixal (*ruin/dade*), parassintética (*esclarecer*), regressiva (*luta* proveniente de 'lutar'), abreviação (*foto* proveniente de 'fotografia'), imprópria ou conversão (*o andar* (subst.) proveniente de 'andar' (verbo)) – suas respectivas semelhanças e diferenças. A partir do capítulo seis, há o aprofundamento da descrição dos processos composicionais e de sua subdivisão: por justaposição e por aglutinação. Dentro da temática da composição, citando Francisco Dequi (1981), Kehdi estabelece duas normas para a flexão de número dos nomes compostos: “a) apenas o substantivo é regente de concordância; b) um substantivo, ainda que determinante de outro, não se flexiona para concordar, ou seja, substantivo não concorda com substantivo.” (KEHDI, 2007, p. 46). A partir dessas duas regras, segundo o autor, foram criadas mais oito regras também explicitadas no texto⁵.

3 Chiste: dito espirituoso, geralmente de humor fino e adequado gracejo; facécia, pilhéria.

4 Arcaísmo: palavra, expressão, construção sintática ou aceção que deixou de ser usada na norma atual de uma língua.

5 1) o adjetivo sempre concorda com o substantivo que o determina; 2) quando dois substantivos estiverem juntos, o determinante não se pluraliza; 3) quando o verbo estiver junto com um substantivo, esse não aceita desinência pluralizadora; 4) o verbo também não se pluraliza quando estiver determinado por advérbio ou outra palavra invariável; 5) nos compostos com hífen ou apocopados, apenas o último elemento sofre pluralização; 6) nos substantivos ou adjetivos coordenados, ambos vão para o plural; 7) quando dois adjetivos estiverem juntos, apenas o último será flexionado; 8) quando o adjetivo foi determinado por um substantivo ou por outro adjetivo, não há pluralização. (KEHDI, 2007, p. 45-47)

Além disso, o autor, no capítulo “Outros processos de formação de palavras”, destaca o que segue: as onomatopeias são vocábulos criados a partir da necessidade de imitar o som ou a voz de animais ou objetos; a reduplicação é a repetição de uma das sílabas do radical de um vocábulo; o hibridismo é o nome que se dá aos vocábulos compostos ou derivados formados por morfemas de línguas diferentes; a sigla trata de um processo em que são destacadas as iniciais de substantivos compostos e próprios para formar um único nome.

Em *Aspectos morfológicos da gramática do português*, de Alina Villalva, a autora inicia a parte V de seu estudo estabelecendo a distinção entre palavras simples e palavras compostas: para a autora, as simples são formadas apenas por um radical inanalísável, e as complexas são o resultado dos processos de formação de palavras, já que possuem afixos ou se ligam a outros radicais. Para ela, existem dois processos morfológicos: a afixação e a composição, sendo que o primeiro é dominante na nossa língua. Os neologismos podem ser analisados morfológicamente como qualquer palavra, porque “através de um conjunto de instrumentos permitem a sua segmentação e a hierarquização das unidades encontradas, que tomam o nome de constituintes morfológicos.” (VILLALVA, s/d, p. 4)

Na apresentação de *Morfologia da língua portuguesa*, de Maria das Graças Carvalho Ribeiro, a autora propõe uma diferença entre vocábulo e palavra. Para Ribeiro, o primeiro é um termo geral que trata da estrutura física da palavra, ou seja, um simples conjunto de fonemas; já a palavra é o vocábulo com significação externa. São comentados também os conceitos de morfologia derivacional (estudo da estrutura interna das palavras) e de morfologia flexional (variação das palavras num mesmo paradigma). A autora afirma também que os vocábulos se dividem em dois grupos: sistema aberto cuja criação de palavras é ilimitada e abrange algumas classes gramaticais (substantivo, adjetivo, advérbio e verbo); e o sistema fechado cujo número é limitado, não podendo ser ampliado. Contempla os pronomes, numerais, artigos, preposições e conjunções.

O morfema apresenta três propriedades essenciais: “a) ter um traço semântico recorrente e b) não poder ser dividida em formas significativas menores e c) não poder apresentar semelhança fonético-semântica com nenhuma outra forma.” (RIBEIRO, s/d, p. 14). A autora também destaca três tipos de morfemas de uma

língua: lexicais, gramaticais e derivacionais. Para o presente trabalho, será analisado apenas o último, tendo em vista que é o empregado para a criação dos neologismos.

Em *Teoria lexical*, de Margarida Basílio, há o questionamento de como são formadas novas palavras; análise das abordagens gramatical, estrutural e gerativa (enumerando seus prós e contras); a indecisão dos gramáticos quanto à forma que privilegiarão nos conceitos das classes de palavras (morfológica, sintática ou semântica) e suas implicações; o estudo dos processos gerais de formação e dos outros (nessa categoria ela inclui, diferentemente dos outros autores, a derivação regressiva, a derivação imprópria ou conversão e a derivação parassintética em um nível diferente das demais derivações, por acreditar que elas não são formadas por acréscimo de afixo).

Neologismo: criação lexical, de Ieda Maria Alves, publicado em 2007, estabelece a diferença entre neologia – processo de criação – e neologismo – elemento resultante. Ela cita como processos de formação de novas palavras:

- neologia fonológica: 'gás' proveniente do grego *khaos*;
- neologia sintática: dividida em derivação ('não-violento'), composição ('cesta básica'), sigla ('APM – Associação de Pais e Mestres') e composição sintagmática ('produção independente');
- neologia semântica ('surfista ferroviário'), por empréstimo ('pole-position') e outros.

Além disso, entre outros processos, há a truncação (processo pelo qual ocorre uma abreviação em que uma parte da sequência lexical, geralmente a última, é eliminada – 'euro/europeu'); palavra-valise (tipo de redução em que dois itens lexicais perdem seus elementos para dar origem a um novo – 'brasiguaió'/ brasileiro e paraguaio); reduplicação (processo pelo qual a palavra é repetida duas ou mais vezes – 'trança-trança'); e a derivação regressiva (processo em que a formação lexical resulta da eliminação de um elemento – 'amasso' proveniente de 'amassar').

Os neologismos semânticos surgem quando é alterado o significado dicionarístico da palavra por meio de recursos estilísticos como: metáfora, metonímia, sinédoque etc.

Segundo a autora, ao criar um neologismo, o falante tem consciência de que está inovando e gerando uma nova palavra. Essa formação pode ocorrer tanto com elementos da própria língua quanto com estrangeirismos. Quanto à introdução do neologismo no dicionário, Alves diz:

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade linguística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. (ALVES, 2007, p. 84)

A autora nos ensina que se o neologismo for bastante usual, ele é inserido nos dicionários e se torna parte do sistema linguístico. Muitas vezes, palavras muito usadas são esquecidas e aquelas pouco difundidas são registradas em dicionários. Apesar disso, essas obras lexicográficas são parâmetros disponíveis para que se possa decidir se uma palavra pertence ou não ao acervo de uma língua.

Os quadros a seguir ilustram os processos de formação de palavras e os tipos de formação neológica apresentados nesta seção.

Quadro 1 – Processos de formação de palavras

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS		
DERIVAÇÃO	COMPOSIÇÃO	OUTROS PROCESSOS
Prefixal: <u>refazer</u>	Justaposição: passatempo	Abreviação: cine (cinema)
Sufixal: <u>respeitoso</u>	Aglutinação: boquiaberto	Onomatopeia: tlintlim
Parassintética: <u>requeantar</u>		Reduplicação ou redobro: mamãe
Regressiva: falha (falhar)		Hibridismo: automóvel
Imprópria ou conversão: a ferida (ferida)		Sigla: ONU (Organização das Nações Unidas)

Fonte: KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2007.

Quadro 2 – Classificação dos processos de formação de palavras

TIPOS DE FORMAÇÃO NEOLÓGICA	
CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLOS
Fonológica	gás (provavelmente veio do grego <i>khaos</i>)
Sintática	não-descartável
Semântica	baixinho (referindo-se à criança em vez de pessoa muito baixa)
Truncação	euro (em lugar de europeu)
Palavra-valise	novelha (fusão dos adjetivos novo e velha)
Reduplicação	trança-trança (andar para diversos lados)
Por empréstimo	estrangeirismos como <i>flying lap</i> (última volta)

Fonte: KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2007.

A proposta de estudar os neologismos roseanos não é inédita, tendo em vista que muitos trabalhos já estudaram essas formações lexicais inusitadas; no entanto, esperamos que este trabalho contribua para o ensino concomitante de língua portuguesa e de literatura. A seguir, comentaremos, de forma rápida, alguns trabalhos que foram desenvolvidos sobre a temática em questão.

No artigo *Caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva de Guimarães Rosa em Primeiras Estórias*, de Gabriela Guimarães Jeronimo e Maria Helena de Paula, foi feito um inventário, segundo as autoras, de todos os neologismos presentes no livro de contos roseano, a fim de analisar o processo de criação do autor, sua renovação lexical e os seus neologismos. A metodologia utilizada foi consultar, para compor o inventário, três dicionários: *Novo dicionário de língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, organizado por Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar, e *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo. Foram elencados todos os neologismos presentes nos contos e suas conseqüentes análise e classificação.

No artigo *A palavra em Grande Sertão: Veredas*, de Márcio José Pivotto Barbieri, foi analisada a formação de palavras no único romance de Guimarães Rosa além do estudo de alguns provérbios.

No presente trabalho, pretende-se elencar todos os neologismos presentes nos contos *A menina de lá* e *Famigerado*, descrever os processos de formação de palavras envolvidos e demonstrar como o conhecimento desses processos de formação neológica podem enriquecer a interpretação dos textos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os procedimentos metodológicos. Na seção 3.1, será apresentado o *corpus* do trabalho e na 3.2, como os neologismos foram classificados de acordo com o tipo de formação neológica – sintática (derivação e composição), semântica e outros processos (reduplicação e onomatopeia).

3.1 *Corpus*

O valor da linguagem utilizada por Guimarães Rosa em suas obras não está no rebuscamento das palavras, mas na sua criativa produção neológica. Essa inovação lexical ocorre sempre tendo como ponto de partida a fala dos sertanejos, suas expressões, suas particularidades. Com isso, as palavras criadas ganham força e significado novos.

Rosa manipulou as potencialidades da língua com tamanha inventividade porque era dela um profundo conhecedor, da sua estrutura léxico-gramatical, um erudito sabedor dos vários substratos constituintes da língua portuguesa. E por saber de modo tão peculiar sobre a língua pôde campear nas veredas do interior brasileiro os sentidos que pretendia dizer no seu *substratum* linguístico-cultural. A sabedoria popular rural, as memórias narrativas de uma vida inteira Rosa reinventou continuamente em seus neologismos. (JERONIMO; PAULA, s/d, p. 13)

Dessa forma, na visão dos autores supracitados, a linguagem roseana apresenta os seguintes traços:

- a) emprego de expressões coloquiais e de expressões regionais, recolhidas da fala do sertanejo de Minas Gerais;
- b) recuperação do significado etimológico;
- c) emprego de neologismos a partir de processos já existentes na língua portuguesa;
- d) utilização notável de figuras de estilo e recursos da poesia.

A partir da riqueza neológica apresentada na obra de Guimarães Rosa, optamos pelo livro de contos *Primeiras estórias* publicado, pela primeira vez, em 1962. Dentre as 21 narrativas, foram escolhidas *Famigerado* e *A menina de lá* (ver anexo). Serão analisados os neologismos à luz dos processos de formação de palavras. A intenção deste estudo é de que o conhecimento desses processos contribua para que os alunos possam entender o poder criativo de uma língua através da linguagem literária desse grande escritor. Esses textos foram escolhidos porque são curtos e, portanto, de fácil e rápida leitura para os alunos durante a aula. Além disso, tornam o estudo dos processos de formação de palavras mais leve, porque trazem um colorido mais interessante, já que os estudantes não irão apenas identificar e classificar palavras, mas entendê-las dentro de um contexto mais rico e literário.

3.2 Organização dos dados

A partir da leitura dos dois contos, foi feito um inventário de todos os neologismos. Desse levantamento, foram elencados trinta e nove neologismos de acordo com o processo de formação lexical pelo qual são classificados:

Conto: ***Famigerado***

Neologismos sintáticos

Derivação: desprezivo, encantoável, alimpadas, grossudo, a-graças, antenasal, insequente, famanasse, transfoi-se-me, intugidos, caçoável, farsância, desafogaréu.

Composição: cabismeditado, verivérbio.

Neologismos semânticos: dia-de-semana, machas.

Outros processos:

Reduplicação: oh-homem-oh, mumumudos.

Sem classificação: agarante.

Conto: ***A menina de lá***

Neologismos sintáticos:

Derivação: cabeçudota, sorrída, suasibilíssima, zombaz, verduroso, refrescação, agouraria.

Composição: urubuir, eeu, Tiantônia, funebrilhos.

Neologismos semânticos: Pai, Mãe, perpétua, desabado.

Neologismo fonológico: xurugou.

Outros processos:

Reduplicação: Nhinhinha.

Onomatopeia: pia-pia.

4. ANÁLISE DOS DADOS

No conto *A menina de lá*⁶ (p. 65-69), é narrada a história de uma criança chamada Nhinhinha que apresenta um comportamento peculiar: os seus desejos se tornam realidade. No início, a família – Mãe, Pai e Tiantônia – não demonstra muito interesse, porém, com o passar do tempo – e os sucessivos “milagres” que a menina opera – os familiares pensam em tirar uma certa vantagem dos poderes dela.

6 ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

1) o Pai e a Mãe - “O *Pai*, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a *Mãe*, urucuiana, nunca tirava o terço da mão”⁷

Desde o primeiro parágrafo, são identificados os componentes da família: Pai e Mãe (escritos com letras maiúsculas). Nesse trecho já é possível perceber dois neologismos semânticos formados por uma conversão em que os substantivos comuns “pai” e “mãe” se transformam em substantivos próprios.

2) Nhinhinha e cabeçudota - “E ela, menininha, por nome Maria, *Nhinhinha* dita, nascera já muito para miúda *cabeçudota* e com olhos enormes”⁸

O nome da protagonista é um neologismo formado pela reduplicação do sufixo -inh evidenciando a baixa estatura da personagem assim como a sua faixa etária. Há também o neologismo “cabeçudota” formado por cabeçud- e -ota. Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, entre outras atribuições, é um sufixo meramente afetivo. Esse dado demonstra a simpatia do narrador pela protagonista, já que o fato de sua cabeça ser grande pode ter a ver com sua inteligência e amadurecimento emocional serem em grau maior do que os de seus familiares.

3) xurugou - “Ele *xurugou*?”⁹

No parágrafo seguinte, há o neologismo *xurugou*, termo utilizado por Nhinhinha o qual nenhum personagem, até mesmo o narrador, conseguiu compreender. Percebe-se que é um verbo devido à desinência número-pessoal e modo-temporal -u, porém o radical xurug- não existe e nem possui uma referência viável na língua portuguesa, configurando-se em um neologismo fonológico. No entanto, através do contexto, pode-se deduzir que significa “falar ou conversar”.

4) perpétua - “De vê-la tão *perpétua* e imperturbada”¹⁰

O significado básico do adjetivo *perpétua* (que dura para sempre; eterno) não é mantido, já que essa palavra aparece como uma das características da protagonista. Essa qualificação fora do comum dá à menina status de alguém que

7 Idem, p. 65

8 Idem, p. 65.

9 Idem, p. 65.

10 Idem, p. 66.

não pertence àquele ambiente, alguém que está além daquele espaço, já que, no decorrer da narrativa, começa a operar milagres, curando, inclusive, sua Mãe.

5) sorrída - “E ela respondia, alongada, *sorrída*, modulamente”¹¹

O neologismo *sorrída* formado por derivação sufixal substitui o adjetivo sorridente.

6) suasibilíssima - “*suasibilíssima*, inábil como uma flor”¹²

Pode-se verificar que o neologismo *suasibilíssima* funciona como superlativo absoluto sintético devido ao sufixo -íssima, porém de acordo com a norma culta é suavíssimo.

7) pia-pia - “Chamava-as de 'estrelinhas *pia-pia*'.”¹³

A onomatopeia *pia-pia* pode ser interpretada como a “voz” das estrelas, já que esses astros são descritos pelo narrador como “sobre-humanos”. Além disso, essa onomatopeia, acompanhada da palavra *estrelinhas*, pode ser interpretada como o nascimento delas, já que esses astros são pequenos ainda (devido ao sufixo -inh). Isso é comprovado pela frase seguinte de Nhinhinha: “Tudo nascendo!”

8) urubuir - “Alturas de *urubuir*...”¹⁴

Esse neologismo formado por uma composição por aglutinação é “traduzido” no próprio texto pela protagonista que afirma que é uma “altura de urubu não ir”. Esse neologismo representa de forma muito aproximada a maneira como as crianças falam, muitas vezes cortando algumas sílabas das palavras ou eliminando palavras inteiras de uma sentença.

9) Eeu - “*Eeu?* Tou fazendo saudade.”¹⁵

Já o neologismo *Eeu* é formado por composição justaposta. Provavelmente é a fusão da conjunção “e” e do pronome “eu”, já que a personagem estava falando do sabiá e logo começou a falar sobre si dando continuidade à conversa com o narrador.

11 Idem, p. 66.

12 Idem, p. 66.

13 Idem, p. 66.

14 Idem, p. 66.

15 Idem, p. 67.

10) zombaz - “Olhou-me, *zombaz*, seus olhos muito perspectivos”¹⁶

A palavra *zombaz* é a união do radical zomb- (zombaria) e do sufixo -az (noção de intensidade, competência, aptidão). Esse neologismo se justifica por que o narrador repreendeu Nhinhinha e ela prontamente respondeu para ele: “Ele te xurugou?” Nesse momento, parece que a menina tem a esperança de que alguém além dela ter se comunicado com esse “ele” que aparece com o verbo xurugar. É importante ressaltar que o narrador nunca mais vê Nhinhinha.

11) Tiantônia - “*Tiantônia*, com vezo, acenou-lhe com o dedo.”¹⁷

O neologismo sintático *Tiantônia* é formado por uma composição por aglutinação, já que Tia e Antônia aparecem juntos. Essa formação pode se justificar simplesmente pela crase da última letra da palavra tia e da primeira da palavra Antônia. Ou pelo papel da Tia na história, já que ela parece ser a única pessoa da família a qual Nhinhinha vê como um adulto. Então a sua figura como tia passa a ser mais importante do que o seu próprio nome.

12) verduroso - “mas bela rã brejeira, vinda do *verduroso*, a rã verdíssima”¹⁸

Verduroso é formado por derivação sufixal a partir do radical verd- e os sufixos -uro- (nomenclatura naturalística de algumas espécies animais) e -oso (abundância, intensificador). Segundo o *Dicionário de Símbolos*, a rã é “a manifestação da renovação anual, do despertar da natureza.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 764). Dessa forma, essa dupla aparição do radical verd- (verduroso e verdíssima) além da repetição na mesma sentença da palavra *rã* antecipam ao leitor o destino da protagonista.

13) refrescação - “Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a *refrescação*.”¹⁹

Em vez de utilizar a palavra *refrescamento* formada pelo sufixo -mento (resultado de ação), ele optou por *refrescação*, em que o sufixo -ção (significa, da mesma forma que -mento, ação ou conclusão da ação e, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, o sufixo mais aceito pelo ouvinte quando

16 Idem, p. 67.

17 Idem, p. 67.

18 Idem, p. 67.

19 Idem, p. 68.

se une aos verbos da primeira conjugação). Apesar de ter criado um neologismo, Guimarães Rosa manteve-se coerente com a língua unindo um radical a um sufixo aceito correntemente pelos falantes.

14) *desabado* - “*Desabado* aquele feito, houve muitas diversas dores, de todos, dos de casa”²⁰

O neologismo semântico *desabado* (que se desmoronou, demolido) transpõe seu significado habitual, no qual se refere ao desabamento de construções, para um sentido mais abstrato. O adjetivo refere-se ao choque que a família toda sofreu com a morte de Nhinhinha. Porém ela tem seu significado ampliado de forma perfeita ao impacto tanto emocional quanto financeiro que a família sofreu com o falecimento da menina, já que todos estavam fazendo planos e procurando esconder de outros parentes e até da igreja os “milagres” que a criança operava.

15) *agouraria* - “O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes... *A agouraria!*”²¹

O neologismo *agouraria* é formado por derivação sufixal a partir do radical *agour-* (desgraça, desdita) e o sufixo *-aria* (coleções, conjunto). Entre os muitos significados desse sufixo, optamos por esse, porque, segundo os personagens, a lista de pedidos de Nhinhinha para o seu funeral – o arco-íris da chuva, o passarinho e o “caixãozinho rosa cor-de-rosa com enfeites verdes brilhantes” - se configuram em uma coleção de elementos agourentos, daí a *agouraria* e a negação inicial do Pai em atendê-los.

16) *funebrilhos* - “pois havia de se sair bem assim, do jeito, cor-de-rosa com verdes *funebrilhos*, porque era, tinha que ser!”²²

O caixãozinho de Nhinhinha teria características fúnebres como qualquer outro, porém haveria também brilhos verdes devido aos enfeites. Dessa forma, a neologia se deu por uma composição por aglutinação, gerando um efeito paradoxal na caracterização do objeto.

20 Idem, p. 68.

21 Idem, p. 69.

22 Idem, p. 69.

No texto *Famigerado* (p. 55-59), o narrador conta a história de quando foi abordado por um grupo de cavaleiros “com cara de nenhum amigo”. Depois de uma saudação sem jeito e de pouca conversa, o líder deles chamado Damázio pergunta o que significa “famigerado”. O narrador, com medo das consequências de sua resposta, já que essa palavra apresenta dois significados distintos – “célebre, notável, que tem muita fama” ou “tristemente afamado” - opta pelo significado positivo e tudo acaba bem.

1) oh-homem-oh - “O cavaleiro esse – o *oh-homem-oh* – com cara de nenhum amigo.”²³

A base desta formação neológica é a reduplicação de sons, ou seja, a reduplicação fonética (oh-ho-oh). Seu significado pode ser explicado pela postura desse cavaleiro que o coloca acima de outros homens, inclusive do narrador, visto que só de olhá-lo seu interlocutor já ficou nervoso.

2) desprezivo - “a meio-gesto, *desprezivo*, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam.”²⁴

Neologismo composto pelo radical desprez- (falta de consideração, desdém) e pelo sufixo formador de adjetivo -ivo (modo de ser). Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, o sufixo -ível que, de acordo com a norma culta, seria o recomendado para se juntar com o radical desprez-, une-se normalmente com verbos originários da 2ª e da 3ª conjugações. Dessa forma, apesar de ter criado um neologismo, Guimarães Rosa manteve-se até mais coerente com a língua do que a norma.

3) encantoável - “e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um *encantoável*, espécie de resguardo”²⁵

Neologismo formado por derivação prefixal e sufixal a partir do prefixo en- (penetração em determinado espaço), do radical cant- (recanto, morada) e do sufixo -ável (possibilidade de praticar ou sofrer uma ação). Dessa forma, essa criação possibilita ao leitor imaginar que aquele canto ficava dentro do pátio do narrador e foi ocupado pelo resto do bando de Damázio.

23 Idem, p. 55.

24 Idem, p. 55.

25 Idem, p. 55.

4) miava - “O medo me *miava*.”²⁶

Esse neologismo semântico se dá pela transgressão do sentido usual do verbo *miar* (som emitido pelos felinos). Essa formação verbal se refere à sensação de medo do narrador em relação a Damázio, já que, metaforicamente, *miar* também pode apresentar a ideia de chorar baixinho ou de choramingar.

5) alimpadas - “Seria de ver-se: estava em armas – e de armas *alimpadas*.”²⁷

O prefixo a- (negação, privação) está ligado ao radical limp- e ao sufixo formador de particípio -adas. Provavelmente essa construção dá a entender que as armas estavam sujas, ou seja, elas já haviam sido utilizadas.

6) grossudo - “Pequeno, mas duro, *grossudo*, todo em tronco de árvore.”²⁸

Criação neológica através de derivação sufixal do radical gross- e do sufixo -udo (abundância, excesso). Essa formação é justificada pela forma seca, desprovida de gentileza ou afabilidade por parte de Damázio e de seu bando.

7) a-graças - “Assim, porém, banda de foram, sem *a-graças* de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.”²⁹

Esse neologismo é bastante interessante, já que o prefixo a- (negação, privação) está separado do radical por um hífen. Essa construção confirma a negação total aos modos de civilidade entre Damázio e o narrador. A tensão entre eles é tão grande que apenas o prefixo não é capaz de mostrar a situação entre eles.

8) antenasal - “Ali, *antenasal*, de mim a palmo!”³⁰

O neologismo *antenasal* é formado pelo prefixo ante- (em frente, antes de) e por nasal (relativo a nariz). Damázio e o narrador estavam muito próximos um do outro, a um palmo de distância.

26 Idem, p. 56.

27 Idem, p. 56.

28 Idem, p. 56.

29 Idem, p. 56.

30 Idem, p. 57.

9) cabismeditado - “*Cabismeditado*. Do que, se resolveu.”³¹

Esta criação lexical é formada pelo processo composicional do tipo aglutinativo a partir das palavras cabisbaixo e meditado, ou seja, o personagem provavelmente estava de cabeça baixa meditando em como iria fazer a pergunta que o fez ir até o narrador.

10) insequentes - “O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, *insequentes*, como dificuldade.”³²

Insequentes ocorre a partir da união do prefixo in- (sentido contrário, negação) e o radical sequentes. A conversa entre os personagens não fluía com naturalidade, pois Damázio procurou o narrador com a intenção de tirar uma dúvida, mas não sabia como começar o assunto.

11) famanasse - “que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?”³³

Provavelmente esse neologismo verbal deriva de famanaz (vocábulo regionalista do Norte e Nordeste do Brasil. Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, significa “que tem muita fama pelo seu valor, prestígio ou coragem; valentão”. O narrador estava com medo de que Damázio viesse, devido à fama que o precedia, causar algum constrangimento a ele ou até mesmo a morte.

12) transfoi-se-me - “Se simples. Se digo. *Transfoi-se-me*. Esses trizes.”³⁴

Neologismo formado pelo prefixo trans- (intensidade) e pelo verbo ser. Além disso, o verbo se tornou reflexivo já que o personagem praticou e sofreu a ação de transformar-se em algo (de um homem preocupado com sua honra para alguém relaxado e seguro de si).

13) intugidos e mumumudos - “Como por socorro, espiei os três outros, sem seus cavalos, *intugidos*, até então, *mumumudos*.”³⁵

Intugidos é formado pelo prefixo in- (movimento para dentro), pelo verbo *tugir* (falar baixo) e pelo sufixo -ido formador de participio; *mumumudos* formou-se por

31 Idem, p. 57.

32 Idem, p. 57.

33 Idem, p. 57.

34 Idem, p. 58.

35 Idem, p. 58.

reduplicação. Tanto *intugidos* quanto *mumumudos* estão relacionados com a atitude do bando de Damázio em falar tão baixo e serem tão discretos que sequer eram ouvidos seus cochichos entre si, pois eles estavam ali apenas como testemunhas.

14) verivérbio - “O homem queria estrito o caroço: o *verivérbio*.”³⁶

Nessa composição por aglutinação tem-se o radical *veri* do latim *verus*³⁷ (verdade) e vérbio também do latim *verbum*³⁸ (palavra), ou seja, Damázio estava solicitando o significado verdadeiramente correto de *famigerado*.

15) caçoável e farsância - “Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? *Farsância*? Nome de ofensa?”³⁹

Contrariamente à norma culta que sugere as formas *caçoador* ou *caçoísta*, ambas compostas por sufixos formadores de nomes de agente. O autor formou a palavra *caçoável* com o acréscimo do sufixo -(á)vel, que apresenta a ideia de possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, ao verbo *caçoar*. Esse neologismo expressa a dúvida de Damázio, qual seja, era de que *famigerado* fosse algo pejorativo que atingisse sua honra e prestígio. Já *farsância* é formada pelo radical *farsa* e o sufixo *-ância* (resultado da ação). O emprego do sufixo dá mais força à palavra, já que, se a resposta não fosse positiva para Damázio, ele teria que entrar em ação e vingar a ofensa.

16) dia-de-semana - “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em *dia-de-semana*?”⁴⁰

Esse neologismo semântico denota a linguagem usual das pessoas comuns do sertão, sem educação formal.

17) agarante - “Vosmecê *agarante*, pra paz das mães, mão na Escritura?”⁴¹

Nesse caso, o prefixo *a-* pode funcionar como um morfema protético, já que é comum no século XVI, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, construções dessa natureza.

36 Idem, p. 58.

37 TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA., s/d. p. 992.

38 TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA., s/d. p. 921.

39 Idem, p. 58.

40 Idem, p. 58.

41 Idem, p. 58.

18) *desafogaréu* - “Subiu em si, desagravava-se, num *desafogaréu*.”⁴²

Neologismo formado pelos prefixos *des-* (negação, ação contrária), *-a-* (passagem para outro estado) e pela palavra *fogaréu* (material inflamável, fogueira). Damázio, ao tomar conhecimento do significado da palavra *famigerado*, acalma-se e relaxa sabendo que não precisaria se vingar de ninguém, porque, afinal, sua honra estava intacta.

19) *machas* - “Não há como que as grandezas *machas* dum pessoa instruída!”⁴³

Formação neológica semântica, já que *macha*, segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, significa “peça de dobradiça encaixável na outra, a fêmea; macho”. Provavelmente Damázio fez referência à sabedoria das pessoas instruídas em que tudo faz sentido, ou seja, tudo se encaixa e se resolve.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde-se notar na seção anterior, os neologismos foram analisados de acordo com o processo de formação de palavras ao qual se vinculam e a relação entre a significação do morfema e o seu efeito gerado no texto. Segundo Barbieri, a partir dos processos neológicos “podemos perceber que Guimarães Rosa tinha um objetivo muito bem definido, ou seja, conseguir, através de seu texto, captar e estimular a imaginação do leitor durante o ato da leitura.” (BARBIERI, s/d, p. 2). Assim, o escritor além de cativar o leitor pelo conteúdo de suas obras foi capaz de chamar atenção para a forma das palavras dando uma nova feição a elas, as quais são inusitadas. O autor demonstra, então, que tinha total domínio sobre a língua.

Além disso, constatamos que, apesar de o escritor ter criado novas palavras, foram obedecidos os critérios da língua, por exemplo, no neologismo *caçoável* (de acordo com a norma culta seria *caçador* ou *caçóísta*) a lógica que Guimarães Rosa

42 Idem, p. 59.

43 Idem, p. 59.

fez uso concorda com as regras gramaticais, já que esse sufixo se liga a palavras derivadas de verbos da 1ª conjugação (caçoar => caçoável).

Outro fato interessante foi perceber que a grande maioria dos neologismos são formados por derivação. Muitos deles formados por derivação sufixal. Entre os sufixos estão -ida (em *sorrída*) que nesse caso não tem a função de formador de particípio, mas substitui o sufixo -nte formador de nomes de agente. O neologismo *farsância* em que o sufixo -ancia se liga à palavra já completa *farsa* gera um efeito realçado já que o afixo tem o sentido de abundância, ou seja, uma “grande” farsa.

Os adjetivos *cabeçudota*, *suasibilíssima* e *zombaz*, presentes no conto *A menina de lá*, os quais se referem à personagem Nhinhinha são formados por derivação sufixal e têm como palavra primitiva um adjetivo. Cabe ressaltar que nas três formações essa classe gramatical serve como um elogio, uma qualidade da personagem que a torna superior aos demais, já que, -ota apresenta conotação afetiva, -íssima é superlativo e -az é aumentativo.

Em contrapartida, os adjetivos caracterizadores do personagem Damázio do conto *Famigerado* tem conotação negativa como em *desprezivo* e *grossudo*, em que o sufixo -ivo refere-se ao modo de ser do personagem ao contrário de -ível (desprezível) que é apenas um formador de adjetivo. Já o sufixo -udo parece-se com -ancia em *farsância* porque o acréscimo do sufixo dá mais ênfase à palavra.

A-graças, *antenasal* e *desafogaréu* servem como descrição das diferentes atitudes que Damázio apresenta em relação ao narrador conforme a narrativa evolui. Primeiramente, carrancudo e fechado sem nem ao menos cumprimentar o narador (sem dar a-graças). Comportamento que se destaca pelo fato de o prefixo vir separado do radical por hífen. Segundo, a abordagem de Damázio de não deixar um espaço considerado seguro entre ele e o jagunço (como se os narizes dos dois estivessem quase encostados) e, por último, a mudança repentina de atitude quando Damázio descobre que sua honra não foi manchada.

O neologismo formado por composição mais interessante da narrativa é *funebrilhos*, já que faz referência ao caixãozinho da personagem. Nessa palavra, há a aglutinação de fúnebre (referindo-se à morte da personagem) e os brilhos que ela gostaria que estivessem enfeitando o seu féretro. Ele encerra uma contradição, algo

mórbido (que deveria ser escuro e discreto) e brilhante (que denota alegria e claridade) ao mesmo tempo.

A reduplicação mais expressiva aparece no nome da protagonista da narrativa *A menina de lá: Nhinhinha*. Como vimos, segundo Alves, a reduplicação ou redobro “refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item lexical, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação.” (ALVES, s/d, p. 70-71). Assim, o nome da personagem se originou de uma reduplicação do sufixo formador de diminutivo -inh, ou seja, o radical se originou a partir de uma sequência de sufixos. O nome da tia de Nhinhinha – *Tiantônia* – também é formado por composição do tipo aglutinativo. Ao contrário do Pai e da Mãe, essa parente possui nome por ser uma das únicas personagens, além da protagonista, que age como adulta, inclusive chamando a atenção da menina quando acha conveniente.

Os dois contos apresentam também alguns neologismos semânticos ou conceituais, que, segundo Cardoso e Ignez,

[...] as criações literárias ou estilísticas se comportam de maneira diferente das demais criações. Apresentam apenas um valor expressivo naquele momento e naquele texto. Cumprido o seu papel expressivo, tendem ao esquecimento. Motivam-se a cada leitura. Dificilmente passam a integrar o léxico da língua. Entretanto, têm um valor enorme porque vêm mostrar que, além de a criação ter um fundo prático e necessário, ela também pode surgir como um simples valor expressivo, ou lúdico. O poeta, usando determinadas formações, consegue o que a maioria dos falantes de uma determinada língua não vai conseguir nunca, ou seja, arrancar lágrimas, suspiros, sorrisos e, enfim, a admiração do grande público. É aí que se percebe que a língua se presta, sim, à comunicação, mas também é através dela que se encontra espaço para a emoção. (CARDOSO; IGNEZ, s/d, p. 12-13)

Dessa forma, esses neologismos podem aparecer em forma de apenas uma palavra ou de uma expressão. Como exemplo desse tipo de formação temos no conto *A menina de lá* a maneira como são identificados o Pai e a Mãe de Nhinhinha. Eles não são nomeados, mas a sua “função” dentro do núcleo familiar faz as vezes de seus nomes próprios já que aparecem escritos com letra maiúscula. Há uma inversão de papéis, já que o Pai é o personagem mais infantilizado (a filha o chama de “menino pidão”) e a Mãe, apesar de ser chamada por Nhinhinha de “menina grande”, não se comporta como uma figura materna, já que os dois parecem não exercer um papel de autoridade sobre ela.

O neologismo fonológico *xurugou* não foi passível de ser classificado quanto ao processo de formação de palavras. Dentro do contexto das narrativas, palavras desse tipo podem ser até deduzidas, mas fora do texto não fazem sentido algum. Segundo CARDOSO e IGNEZ,

Como as obras literárias possuem um caráter mimético, elas representam ficcionalmente as condições da sociedade em que são produzidas. Nelas, é possível encontrar personagens que representam membros de determinados grupos sociais. Sendo assim, nas falas dessas personagens, podem ser empregadas palavras utilizadas pelos grupos sociais que representam. Além disso, podem ser criadas novas palavras para caracterizar um grupo retratado na obra. Tais criações podem obter um efeito expressivo. (CARDOSO; IGNEZ, s/d, p. 8)

O verbo *xurugou* presente na fala da personagem Nhinhinha aparece em dois momentos da narrativa: primeiro perguntando a qualquer personagem e depois ao narrador quando este chama atenção dela. Talvez o verbo *xurugar* signifique falou, se comunicou, porque ela pergunta ao narrador quando este dá conselhos a ela. Já as formas *alimpadas* e *agarante* provavelmente são arcaísmos ainda presentes na fala do sertanejo mineiro, já que é comum o acréscimo do prefixo *a-* em algumas palavras como: *alevantar* e *arrecém*, entre outras.

Como já foi comentado e analisado nos capítulos anteriores, é inegável a capacidade artística de Guimarães Rosa. A maneira como consegue organizar as palavras, unir os afixos e radical de forma tão inovadora, colocam-no como um dos maiores criadores de neologismos da literatura brasileira.

Neste trabalho foram recolhidos todos os neologismos presentes nos dois contos. Não foram analisados arcaísmos ou regionalismos, pois a proposta do artigo é somente verificar o tipo de processo de formação de palavras dos neologismos e sua consequente interpretação nos textos. Com base nos dados, foram encontrados 39 neologismos, sendo que 20 formados por derivação, 6 por composição, 3 por reduplicação, 6 neologismos semânticos, 1 neologismo fonológico, 1 palavra na qual não foi identificado nenhum processo lexical e 1 onomatopeia.

Durante a análise, podemos perceber o cuidado do autor em fazer com que os neologismos fossem verossímeis em relação à língua e à norma culta. A simplicidade dos personagens vai ao encontro da grandeza da criação vocabular em que se percebe uma relação subjetiva entre narrador e personagens nos quais até os nomes possuem significado de acordo com as suas ações.

Ter conhecimento do significado das formações neológicas permite o aprofundamento do texto e uma melhor interpretação. O conhecimento dos processos que as envolvem facilita a compreensão do seu significado, o que acarreta uma apreensão mais efetiva do conteúdo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 2007.

BARBIERI, Márcio José Pivotto. *A palavra em Grande Sertão: Veredas*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp32/03.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Margarida_Basilio-TeoriaLexical.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2014.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CARDOSO, Elis de Almeida; IGNEZ, Alessandra Ferreira. *A interpretação dos neologismos literários: uma forma de entender o texto*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp24/04.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 2.0 [CD-ROM]. 2008.

JERONIMO, Gabriel Guimarães; PAULA, Maria Helena de. *Caprichadas e ousadas manipulações da gênese inventiva de Guimarães Rosa em Primeiras Estórias*. Disponível em: <<http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/pibic/trabalhos/GABRIELA.PDF>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2007.

RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. *Morfologia da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/publicacoes/view/285>>. Acesso em: 21 dez. 2014.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA., s/d.

VILLALVA, Alina. *Aspectos morfológicos da gramática do português*. Disponível em: <<http://www.academia.edu/3137457/ParteVAspectosMorfol%C3%B3gicosdaGram%C3%A1ticadoPortugu%C3%AAs>>. Acesso em: 23 dez. 2014.

ANEXOS

Famigerado

Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse – o oh-homem-oh – com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos – coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na espuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a falta de gente mais de longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

– “Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranzuiu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas – e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

– “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara – evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

– “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...”

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, insequentes, como dificuldade. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?*”

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara como riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a

palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

– “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

– *Famigerado?*

– “Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. – *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutra ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

– “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria escrito o caroço: o verivérbio.

– *Famigerado* é inóxico, é “célebre”, “notório”, “notável”...

– “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É çaçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?

– Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

– “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

– *Famigerado?* Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

– “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Eucaristia?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

– Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

– “Ah, bem!...” – soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desaforarê. Sorriu-se, outro. Satisfez aquelas três: – “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição...” – e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d'água. Disse: – “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: – “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, para esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não...” Mas mais

sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: – “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca...” Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

A Menina de Lá

Sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus. O Pai, pequeno sitiante, lidava com vacas e arroz; a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém. E ela, menininha, por nome Maria, Nhinhinha dita, nascera já muito para miúda, cabeçudota e com olhos enormes.

Não que parecesse olhar ou enxergar de propósito. Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. – Ninguém entende muita coisa que ela fala...” – dizia o Pai, com certo espanto. Menos pela estranhez das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: – “*Ele xurugou?*” – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo esquisito do juízo ou enfeitado do sentido. Com riso imprevisto: – “*Tatu não vê a lua...*” – ela falasse. Ou referia estórias, absurdas, vagas, tudo muito curto: da abelha que se voou para uma nuvem; de uma porção de meninas e meninos sentados a uma mesa de doces, comprida, comprida, por tempo que nem se acabava; ou da precisão de se fazer lista das coisas todas que no dia por dia a gente vem perdendo. Só a pura vida.

Em geral, porém, Nhinhinha, com seus nem quatro anos, não incomodava ninguém, e não se fazia notada, a não ser pela perfeita calma, imobilidade e silêncios. Nem parecia gostar ou desgostar especialmente de coisa ou pessoa nenhuma. Botavam para ela a comida, ela continuava sentada, o prato de folha no colo, comia logo a carne ou o ovo, os torresmos, o do que fosse mais gostoso e atraente, e ia consumindo depois o resto, feijão, angu, ou arroz, abóbora, com artística lentidão. De vê-la tão perpétua e imperturbada, a gente se assustava de repente. – “Nhinhinha, que é que você está fazendo?” – perguntava-se. E ela respondia, alongada, sorrida, moduladamente: – “*Eu.. to-u... fa-a-zendo.*” Fazia vácuos. Seria mesmo seu tanto tolinha?

Nada a intimidava. Ouvia o Pai querendo que a Mãe coasse um café forte, e comentava, se sorrindo: – “*Menino pidão... Menino pidão...*” Costumava também dirigir-se à Mãe desse jeito: – “*Menina grande... Menina grande...*” Com isso Pai e Mãe davam de zangar-se. Em vão. Nhinhinha murmurava só: – “*Deixa... Deixa...*” – suasibilíssima, inábil como uma flor. O mesmo dizia quando vinham chamá-la para qualquer novidade, dessas de entusiasmar adultos e crianças. Não se importava com os acontecimentos. Tranquila, mas viçosa em saúde. Ninguém tinha real poder sobre ela, não se sabiam suas preferências. Como puni-la? E, bater-lhe, não ousassem; nem havia motivo. Mas, o respeito que tinha por Mãe e Pai, parecia mais uma engraçada espécie de tolerância. E Nhinhinha gostava de mim.

Conversávamos, agora. Ela apreciava o casacão da noite. – “*Cheinhas!*” – olhava as estrelas, deléveis, sobre-humanas. Chamava-as de “*estrelinhas pia-pia*”. Repetia: – “*Tudo nascendo!*” – essa sua exclamação diletta, em muitas ocasiões, com o deferir de um sorriso. E o ar. Dizia que o ar estava com cheiro de lembrança. – “*A gente não vê quando o vento se acaba...*” Estava no quintal, vestidinha de amarelo. O que falava, às vezes era comum, a gente é que ouvia exagerado: – “*Alturas de urubuir...*” Não, dissera só: – “*... altura de urubu não ir.*” O dedinho chegava quase no céu. Lembrou-se de: – “*Jabuticaba de vem-me-ver...*” Suspirava, depois: – “*O passarinho desapareceu de cantar...*” De fato, o passarinho tinha estado cantando, e, no escorregar do tempo, eu pensava que não estivesse ouvindo; agora, ele se interrompera. Eu disse: – “*A avezinha.*” De por diante, Nhinhinha passou a chamar o sabiá de “*Senhora Vizinha...*” E tinha respostas mais longas: – “*Eeu? Tou fazendo saudade.*” Outra hora, falava-se de parentes já mortos, ela riu: – “*Vou visitar eles...*” Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua. Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: – “*Ele te xurugou?*” Nunca mais vi Nhinhinha.

Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagres.

Nem Mãe nem Pai acharam logo a maravilha, repentina. Mas Tiantônia. Parece que foi de manhã. Nhinhinha, só, sentada, olhando o nada diante das pessoas.: – “*Eu queria o sapo vir aqui.*” Se bem a ouviram, pensaram fosse um patranhar, o de seus disparates, de sempre. Tiantônia, por vezo, acenou-lhe com o dedo. Mas, aí, reto, aos pulinhos, o ser entrava na sala, para aos pés de Nhinhinha – e não o sapo de papo, mas bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera. E ela riu: – “*Está trabalhando um feitiço...*” Os outros se pasmaram; silenciaram demais.

Dias depois, com o mesmo sossego: – “*Eu queria uma pamonhinha de goiabada...*” – sussurrou; e, nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia os pãezinhos da goiabada enrolada na palha. Aquilo, quem entendia? Nem os outros prodígios, que vieram se seguindo. O que ela queria, que falava, súbito acontecia. Só que queria muito pouco, e sempre as coisas levianas e descuidosas, o que não põe nem quita. Assim, quando a Mãe

adoeceu de dores, que eram de nenhum remédio, não houve fazer com que Nhinhinha lhe falasse a cura. Sorria apenas, segredando seu – “*Deixa... Deixa...*” – não a podiam despersuadir. Mas veio, vagarosa, abraçou a Mãe e a beijou, quentinha. A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto. Souberam que ela tinha também outros modos.

Decidiram de guardar segredo. Não viessem ali os curiosos, gente maldosa e interesseira, com escândalos. Ou os padres, o bispo, quisessem tomar conta da menina, levá-la para sério convento. Ninguém, nem os parentes de mais perto, devia saber. Também, o Pai, Tiantônia e a Mãe, nem queriam versar conversas, sentiam um medo extraordinário da coisa. Achavam ilusão.

O que ao Pai, aos poucos, pegava a aborrecer, era que de tudo não se tirasse o sensato proveito. Veio a seca, maior, até o brejo ameaçava de se estorricar. Experimentaram pedir a Nhinhinha que quisesse a chuva. – “*Mas, não pode, ué...*” – ela sacudiu a cabecinha. Instaram-na: que, se não, se acabava tudo, o leite, o arroz, a carne, os doces, frutas, o melado. – “*Deixa... Deixa...*” – se sorria, repousada, chegou a fechar os olhos, ao insistirem, no súbito adormecer das andorinhas.

Daí a duas manhãs, quis: queria o arco-íris. Choveu. E logo aparecia o arco-da-velha, sobressaído em verde e o vermelho – que era mais um vivo cor-de-rosa. Nhinhinha se alegrou, fora do sério, à tarde do dia, com a refrescação. Fez o que nunca se lhe vira, pular e correr por casa e quintal. – “Adivinhou passarinho verde?” – Pai e Mãe se perguntavam. Esses, os passarinhos, cantavam, deputados de um reino. Mas houve que, a certo momento, Tiantônia repreendesse a menina, muito brava, muito forte, sem usos, até a Mãe e o Pai não entenderam aquilo, não gostaram. E Nhinhinha, branda, tornou a ficar sentadinha, inalterada que nem se sonhasse, ainda mais imóvel, com seu passarinho-verde pensamento. Pai e Mãe cochichavam, contentes: que, quando ela crescesse e tomasse juízo, ia poder ajudar muito a eles, conforme à Providência decerto prazia que fosse.

E, vai, Nhinhinha adoeceu e morreu. Diz-se que da má água desses ares. Todos os vivos atos se passam longe demais.

Desabado aquele feito, houve muitas diversas dores, de todos, dos de casa: um de repente enorme. A Mãe, o Pai e Tiantônia davam conta de que era a mesma coisa que se cada um deles tivesse morrido por metade. E mais para repassar o coração, de se ver quando a Mãe desfiava o terço, mas em vez das ave-marias podendo só gener aquilo de – “*Menina grande... Menina grande...*” – com toda ferocidade. E o Pai alisava com as mãos o tamboretinho em que Nhinhinha se sentava tanto, e em que ele mesmo se sentar não podia, que com o peso de seu corpo de homem o tamboretinho se quebrava.

Agora, precisavam de mandar recado, ao arraial, para fazerem o caixão e aprontarem o enterro, com acompanhamento de virgens e anjos. Aí, Tiantônia tomou

coragem, carecia de contar: que, naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, Nhinhinha tinha falado despropositado desatino, por isso com ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites verdes brilhantes... A agouraria! Agora, era para se encomendar o caixãozinho assim, sua vontade?

O Pai, em bruscas lágrimas, esbravejou: que não! Ah, que, se consentisse nisso, era como tomar culpa, estar ajudando ainda a Nhinhinha a morrer...

A Mãe queria, ela começou a discutir com o Pai. Mas, no mais choro, se serenou – o sorriso tão bom, tão grande – suspensão num pensamento: que não era preciso encomendar, nem explicar, pois havia de sair bem assim, do jeito, cor-de-rosa com verdes funebrilhos, porque era, tinha de ser! – pelo milagre, o de sua filhinha em glória, Santa Nhinhinha.